

## Um amor desmedido: Gomes da Costa e as relações luso-brasileiras

*Silvio Renato Jorge*

Antônio Gomes da Costa inscreve-se no grupo daqueles homens que, dedicados a estreitar os laços entre Brasil e Portugal, constroem, para além de sua ação concreta na administração de instituições cuja principal proposta é justamente essa aproximação, um caminho de palavras a tecer considerações constantes a respeito dos fatores que envolvem o convívio luso-brasileiro. Articulista sempre presente nas páginas de alguns jornais, o autor acaba de reunir, em alentado volume<sup>1</sup>, crônicas que, transitando pelos mais diversos temas, possuem, em geral, o traço comum de funcionarem como elementos inquisidores acerca dos possíveis diálogos entre os dois lados do Atlântico. Brasil e Portugal, os elementos que os aproximam e os distanciam, são, portanto, o ponto fulcral desta obra intitulada *A brasilidade dos portugueses*.

As crônicas reunidas no livro, na sua maioria produzidas em um período que vai de 1993 a 2001 – algumas não apresentam data –, recuperam pontos de discussão que freqüentaram a mídia durante esse período para produzir reflexões mais profundas sobre nossa história comum. Assim, as comemorações do Quinto Centenário do Descobrimento e a assinatura do novo Tratado de Amizade, Cooperação e Consulta entre Brasil e Portugal, por exemplo, passam por uma revisão em que se apontam não apenas os conflitos surgidos à época dos acontecimentos, mas também a necessidade de uma reavaliação crítica de seu real valor para o estreitamento dos vínculos entre as duas nações. Essa leitura reavaliativa irá compor, desta forma, o procedimento básico usado pelo autor em sua escrita, seja em relação aos vinte e cinco

---

<sup>1</sup> Costa, Antônio Gomes da. *A brasilidade dos portugueses*. Rio de Janeiro: Nórdica, 2002.

anos da Revolução dos Cravos, seja na análise do Projeto de Lei apresentado pelo Parlamentar Aldo Rebelo visando à coibição da entrada de palavras estrangeiras em nossa língua. Para tanto, estabelece um processo circular, em que os textos dialogam entre si, a compor um mural: as informações se amplificam aos poucos e os olhares de cada crônica se iluminam pelo que foi dito anteriormente.

Se, como afirmamos, existe no livro um fio condutor a amarrar a diversidade dos assuntos tratados – as relações luso-brasileiras –, é importante frisar ainda que tal fio se tece muitas vezes pela presença marcante de uma voz preocupada em demarcar o local a partir *de onde é* gerada; a experiência da emigração, da prática de um “viver entre”, é o ponto de partida dessa voz que, ao transitar entre os dois espaços, revela a opção por permanecer intimamente ligada a ambos.

Nesse sentido, é necessário apontar a singularidade do último texto apensado à coletânea, em que, a partir do título “Mãe”, não por acaso o autor desenvolve um trabalho evocativo, a entretecer à imagem da mãe as lembranças da partida rumo ao desconhecido e o atual sentimento de dever cumprido. A diferenciar-se dos demais, este texto transfere o eixo de sua construção ao sobrepor os marcos da experiência individual ao espaço público e coletivo. Como trabalho da memória, re-articula o sentido da História recente lido nas páginas anteriores – as Comemorações dos 500 anos, o 25 de Abril, a Independência das ex-colônias africanas e as guerras civis em que elas se envolveram – para denunciar o interferir da nossa vivência íntima sobre o modo de compreensão dos fatos a que presenciamos. Nesse caso específico, Gomes da Costa pontua a sua própria experiência de emigrante – seus desejos, suas carências – como a ponte a partir da qual constrói a leitura de nossas relações culturais.

Por outro lado, mesmo ao clamar pelo reconhecimento de que, em nossa brasilidade, a presença dos portugueses é fator determinante, denunciando a leitura política que muitas vezes se faz de nossa construção identitária, não deixa de reconhecer, entretanto, a inevitabilidade de nossas diferenças, a necessidade de que, como já afirmou Graça Capinha, “nos vejamos nas nossas realidades de *outros*”, para, então, tornarmos a construir as pontes possíveis e necessárias entre aquilo que hoje somos como nações autônomas e distintas.

Outro elemento fundamental a ser destacado em *A brasilidade dos portugueses* é a presença forte, dentro da obra, de uma das figuras basilares da

Literatura Portuguesa, figura esta que cresce em importância quando notamos a frequência de sua recepção junto aos leitores brasileiros: referimo-nos, como já devem ter notado, ao escritor Eça de Queirós, cujo romance *Os Maias* foi recentemente adaptado para a televisão e recebeu novas edições. As comemorações do Centenário de sua morte estão devidamente analisadas no corpo do livro, mas o que me importa ressaltar é a presença viva de suas palavras na voz do autor. Gomes da Costa convoca o texto eciano em inúmeros momentos, através de citações ou da alusão a seus personagens já definitivamente inscritos no panorama das literaturas de língua portuguesa. Mais do que isso, é importante destacar a existência em suas crônicas do recurso constante a uma certa ironia que, dentro de suas especificidades, é claro, traz de volta à cena contemporânea o senso crítico com que o nosso “Zé Maria” – como afetuosamente o escritor lhe chama, na esteira de Silva Ramos – procurava inspecionar a sociedade portuguesa de sua época. A voz de Gomes da Costa é aqui, portanto, uma voz que não foge às polêmicas, a demarcar de forma precisa e sem receios os seus pontos-de-vista.

Como vemos, há em *A brasilidade dos portugueses* sobretudo um espaço de afetos: o afeto pela língua, referida em si mesma e através de um dos seus maiores escritores; o afeto pelo Brasil e por Portugal. Já enunciado por Jaime Bernardes na orelha do livro, este espaço nos habilita a tornar a destacar o *amor desmedido* de Gomes da Costa por suas duas pátrias, um amor que ganha formas cada vez mais nítidas em seu prazeroso uso das palavras.